

Boas tardes a todos os participantes neste Congresso AMAlentejo, neste dia 2 de abril de 2016, em Tróia, nesta hora. São 17:30.

Pessoalmente, tenho estado em todos os congressos em prol da regionalização e da constituição duma Região Alentejo. Há trabalhos meus sobre o tema publicados em inúmeras atas, e quem quiser pode consultá-las.

Mas eu estou aqui numa tarefa ingrata e diferente. Venho falar em nome do Grupo dos Amigos de Olivença, o que desperta as mais variadas reações em muita gente. Pela parte que me toca, fazer parte da direção dum grupo que se opôs ao silêncio do salazarismo sobre o colonialismo exercido em Olivença, através de homens de oposição ao regime de então, como o Professor alentejano Hernâni Cidade e Ricardo Rosa i Alberti, e que é visto, de forma ofensiva, como afeto ao mesmo salazarismo, é uma honra... e confesso que já não tenho, ou não temos, no Grupo, paciência para aturar, e responder a, tanta ignorância e tanto preconceito.

Mas a minha (nossa) posição continua a ser ingrata. Na verdade, a nossa posição é a de apoio à interpretação do Estado português sobre Olivença, que é a de não reconhecer o território como espanhol... não só por causa do direito que pensa que lhe assiste como, mais modernamente, pela posse e usufruto das águas do Alqueva.

Ah! Não se preocupem! Não vou reclamar Olivença. Por favor, senhora representante da Junta de Extremadura, D. Rosa Balas Torres, "oigame bién. No voy (no vamos) pedir Olivença, nada de eso. Vamos tan solo hablar de CULTURA. Si?"

Não tem sido consensual entre nós o que me proponho fazer. Vou falar do que se está a passar em Olivença, ou melhor, dos extraordinários projetos da Associação Cultural Autóctone oliventina "Além Guadiana", fundada em março de 2008, o que não deveria ser a nossa tarefa. Neste ponto, a Associação em causa não gosta de ser conotada connosco, e nós também não podemos dar-lhe apoio integral, já que os nossos objetivos são mais ambiciosos e mais claramente soberanistas. Mas como podemos ficar indiferentes? Algumas realizações desta associação são surpreendentes, como, por exemplo, a colocação dos antigos nomes portugueses em 74 ruas (2011), após se ter conseguido o consenso de todas as forças políticas de Olivença, a organização de vários festivais de Lusofonia, um Congresso sobre o papel de Olivença nos Descobrimentos Portugueses, um plano para preservar o uso (e a aprendizagem contínua) do Português no território, e outras atividades... sem esquecer a aquisição de nacionalidade portuguesa por parte de centenas de oliventinos, em número crescente, desde dezembro de 2014. Sempre, note-se, sem abordar problemas de soberania. Mas o caminho vai-se fazendo. Deste modo, em janeiro de 2016, deu-se mais um passo no sentido da recuperação cultural, linguística e histórica da região de que é oriunda: propõe a transformação de Olivença em "Cidade-Museu", ou cidade de museus, uma cidade aberta à cultura.

Faço notar que estou aqui a falar desta Associação sem lhe ter pedido licença para tal, e que pessoas há, entre nós, que veem estes passos como suspeitos e longe dos razões fundadoras da "Amigos", por trás das quais estava um intelectual oliventino, Ventura Ledesma Abrantes.

Mas para este Congresso em que se debate o Alentejo, não resistimos a dar-vos a conhecer um extraordinário texto, lido em voz alta por um oliventino, em nome da Associação autóctone em causa que não vou identificar... e que provavelmente nunca mais me dirigirá a palavra. Sucedeu na Casa do Alentejo, em 10 de junho de 2015. Aqui vai, é uma folha A.4, e é dirigida a portugueses em geral e a alentejanos em particular: «Caros irmãos alentejanos, bom dia».

Alentejanos. Não há margens para dúvidas. Prossigo. «Hoje, Olivença é mais possante ao estar mais próximo do Alentejo e da Portugalidade. A terra das oliveiras, Olivença, nunca esqueceu o seu passado e aproveitando o presente quer construir o futuro. Esse futuro passa, além de outras acções, pela confraternização com o espaço lusófono e principalmente com os nossos irmãos alentejanos. Ser Alentejano é ser especial, ser Oliventino é também ser Alentejano.» Como veem, o apelo ao Alentejo prossegue. E não vai parar! «Olivença "cheira" a Extremadura, mas também "cheira" a Alentejo e respira ar do Guadiana que não deixa de ser alentejano. O sangue oliventino é sangue que navega entre duas culturas como o Guadiana e que se abraça ao espírito que o rodeia.»

Como podem ver, esta associação não vira as costas à Extremadura espanhola. Vamos continuar a leitura. «A associação cultural Além Guadiana, quer agradecer a nossa presença à Casa do Alentejo e a todos os presentes por nos ouvirem. Hoje não viemos a Lisboa, viemos ao Alentejo, quer seja Alto quer seja Baixo Alentejo. Há sete anos».

Agora, já são oito! «Há sete anos nasceu uma associação com uma só finalidade: recuperar, preservar e promover a língua de Camões e a cultura lusitana para poder pertencer de pleno direito ao espaço lusófono. Quando falamos de espaço, para alguns terá umas conotações provavelmente diferentes às da nossa associação.

Mas queremos manifestar alto e claro que respeitamos todas as posições e interpretações. Além Guadiana não nasceu para se opor a nada nem a ninguém, nem sequer para opinar sobre determinadas considerações.»

Notem, meus amigos, esta preocupação de demarcação em relação a reclamações estatais soberanistas de Lisboa ou Madrid. Muito à portuguesa, direi que é claro que não é isso que preocupa estes oliventinos. Mais à portuguesa ainda: eles "estão-se nas tintas" para isso. O problema deles é a cultura! Como na declaração se continuou a afirmar. «Somos apenas uma associação construtiva e o único espaço que nós temos vindo a reforçar são os espaços humanos e culturais. Não esqueçamos nunca que são os Oliventinos os que irão decidir o seu futuro. Para poder construir não se deve ocultar informação ou desinformar. Além Guadiana não é o dono da verdade mas até agora tem sido a nossa verdade que tem conduzido Olivença a uma realidade. Essa realidade chama-se biculturalismo e esperemos que chegue ao bilinguismo real».

Como se vê, nada há aqui que indique alguns intuitos políticos.

Podem as autoridades estar descansadas. Mesmo as da Extremadura espanhola, que tem aqui um(a) representante, e cujo presidente, que saúde, é oliventino: Guillermo Fernández Vara.

«No processo de sensibilização tem sido a cultura a melhor vacina para cicatrizar as feridas do passado e a melhor medicina para não voltar a enfermar.» Voltamos às declarações da "Além Guadiana".

«Somos uma terra de carácter e universal. Foram mães oliventinas que trouxeram ao mundo filhos que participaram nos primórdios da globalização, a expansão ultramarina. A terra das oliveiras marcou presença com a família Gama a oriente e Frei Henrique de Coimbra a ocidente».

Uma nota ou duas, para explicar: A segunda maior Igreja manuelina existente (depois dos Jerónimos, naturalmente). A Igreja de Santa Maria Madalena, em Olivença, projetada no "ecrã". Nela está sepultado Frei Henrique de Coimbra, oliventino ou familiar de oliventinos, o homem que rezou a primeira missa no Brasil em 1500. De Olivença era o pai de Vasco da Gama, Estêvão Vaz da Gama, "colocado" em Sines por D- João II, onde lhe nasceu o filho.

Vou terminar a citação do texto. Voltam as palavras da "Além Guadiana". «O nosso património que é também vosso, património: monumental, histórico, linguístico, gastronómico, cultural e humano merece ser visitado. É de salientar o nosso rico património embora Olivença ofereça muito mais do que monumentos. O intangível, como diz o meu caro amigo e Presidente da associação Além Guadiana, Joaquim Fontes, em Olivença é mais importante o que não se vê do que propriamente se vê. Só com a ajuda de todos é possível que Olivença continue a crescer.

Além Guadiana agradece ao estado português o carinho que nos dá ao tornar possível que os oliventinos, de livre vontade, possam reaver a sua identidade. Caros irmãos portugueses, abraçamos-vos de lés-a-lés e especialmente aos irmãos alentejanos, [alguém nesta assembleia ficou com dúvidas?] em Olivença têm a vossa casa. OLIVENÇA ESPERA-VOS».

Há aqui mais meia dúzia de declarações, como uma referência à sala de Olivença na Casa do Alentejo, e uma citação dos Lusíadas, de Luís de Camões, mas não me é concedido mais tempo. Termino com um plágio duma frase escrita nas infraestruturas da barragem do Alqueva quando esta ainda não estava terminada ("construam-me, porra!"), atrevendo-me a dizer que os nossos amigos autóctones de Olivença dirão algo como..."CONTACTEM-NOS, PORRA!" Só uma pequena nota final. Vimos projetada a Igreja da Madalena (interior) e um mapa da região de Olivença. Agora está projetado um logótipo com uma sopa de tomate e cores roxas. É que, a juntar a tudo isto, e com influência do (ou "da") Além Guadiana, foi fundada a Confraria Gastronómica de Olivença, entrelaçando as letras "z" e "ç" em Olivenz(ç)a. As cores referem-se ao molho de tomate e ao hábito oliventino de comê-la com figos quase sempre arroxeados. Parece que no dia 22 de abril próximo (de 2016, portanto) vai ser apresentada ao público.

Apelo-vos a que façam chegar estas informações a todos os recantos do nosso Alentejo e de Portugal. A Comunicação Social quase não tem ligado ao que se passa em Olivença. O resultado (triste!) é ver tantos rostos surpreendidos e quase incrédulos nesta ampla sala a olhar para mim...

Agradeço-vos a atenção prestada,

Tróia, Grândola, Alentejo, 02 de abril de 2016

GRUPO DOS AMIGOS DE OLIVENÇA//SECÇÃO CULTURAL AUTÓNOMA DO "COMITÉ OLIVENÇA PORTUGUESA" (Carlos Eduardo da Cruz Luna)